



INTELIGÊNCIA EMOCIONAL E AUTOCONHECIMENTO COM OS ESTUDANTES DO SEXTO ANO FUNDAMENTAL II: A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DO PROJETO DE APRENDIZAGEM

Emotional Intelligence and self-awareness with year students in fundamental II: from the experience of the learning project

Luciano Sá Ribeiro¹
Alice Ramos de Oliveira²

Resumo

A reflexão da temática é um convite para pensarmos a inteligência emocional e o autoconhecimento. Esta reflexão se justifica em razão da necessidade de desenvolvermos, criarmos uma cultura em que as emoções e a inteligência estejam integradas ao processo formativo dos estudantes para que, no futuro, tenhamos adultos maduros emocionalmente, ou seja, capazes de dar uma resposta madura por meio das atitudes, do controle dos impulsos, conhecendo seus próprios sentimentos e praticando a empatia. Objetivamos demonstrar a importância da inteligência emocional e de reconhecermos as próprias emoções para lidarmos com estas. Para isso, utilizamos a metodologia de pesquisa bibliográfica, pesquisa ação e projeto de aprendizagem.

Palavras-chave: Educação; Inteligência emocional; Autoconhecimento.

Abstract

The reflection of the theme is an invitation to think about emotional intelligence and self-knowledge. This reflection is justified by the need to develop, create a culture where emotions and intelligence are integrated into the students' training process so that in the future we have emotionally mature adults, that is, capable of giving a mature response through attitudes, control of impulses, knowing your own feelings and practicing empathy. We aim to demonstrate the importance of emotional intelligence and recognizing one's own emotions and dealing with

¹ Mestre em Ciências Humanas pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA) – professor na rede privada de ensino. Atua na educação básica e superior. E-mail: lucianosaribeiro191@gmail.com

² Formada em Licenciatura Plena em Educação Física. Especialista em Psicomotricidade Relacional. Formadora no Projeto Oficina de Formação em Serviço. Professora da Secretaria Municipal de Educação. E-mail: alice.ramos@semed.manaus.am.gov.br



emotions. For this, using the methodology of bibliographical research, field observation and learning project.

Keywords: Education; Emotional intelligence; Self-knowledg.

Introdução

A educação é a esperança de modificação de uma sociedade e o principal instrumento para o desenvolvimento do ser humano, é ela que conduz na direção do estado de formação e permanência dentro da sociedade. Partindo da pressuposição de uma sociedade emocionalmente instável, enraizada na técnica, que ignora as dimensões emocionais do indivíduo e o acentuado desequilíbrio entre razão e emoção, a educação emocional, aplicada na escola, torna-se uma ferramenta necessária para a formação integral do estudante.

Neste trabalho, apresentamos uma reflexão sobre a importância da inteligência emocional e do autoconhecimento para a formação dos estudantes. O tema hoje se faz importante para o desenvolvimento integral, pois a integralidade necessita ser pensada em todas as dimensões da educação.

Buscamos, nesta breve reflexão, apresentar alguns aspectos a respeito do tema e como o projeto de aprendizagem pode contribuir para desenvolver a temática da inteligência emocional e do autoconhecimento a partir do projeto de vida nos anos iniciais, por meio da aplicação do projeto de aprendizagem.

A chegada do projeto de vida como parte da formação dos estudantes é algo que se configura como uma nova proposta e que requer aprendizado. Uma nova proposta que faz parte, acreditamos, e que, no lugar certo, poderá contribuir para a formação e orientação desses indivíduos em formação e para pensarmos o que podemos denominar de educação emocional visando à formação integral dos indivíduos.



Pensar sobre a formação integral se faz importante, pois vivemos em um tempo em que a fragmentação se faz presente em muitos âmbitos da formação do indivíduo. Segundo Morin (2000, p. 70), “vem do âmago da racionalização, que só conhece o cálculo e ignora o indivíduo, seu corpo, seus sentimentos, sua alma, e que multiplica o poderio da morte e da servidão técnico-industriais”, a valorização da concepção utilitarista da formação alimentada por um estilo de vida forjado para o capitalismo.

A dimensão intelectual, o pensamento claro guiado pela razão, o raciocínio claro são importantes e fazem parte da vida; são uma necessidade contemporaneamente, mas não são o suficiente para proporcionarem o bem-estar social e a saúde emocional.

Segundo o psicólogo Gardner (1995, p. 27), “a inteligência interpessoal está baseada numa capacidade nuclear de perceber distinções entre os outros; em especial contraste em seus estados de ânimo, temperamentos, motivações e intenções”.

A dimensão pessoal é vista com uma grande área do ser, pois todos os seres humanos são um universo, e é o ponto de partida das demais, pois está alicerçada na visão que temos de nós mesmos, o modo como o próprio ser olha para dentro de si.

A dimensão pessoal do projeto de vida traz, consigo, um dos elementos mais importantes quando nos referimos à inteligência emocional, que é o autoconhecimento.

Quanto mais intensamente a “cultura do projetar a vida” for introduzida e fomentada no contexto escolar desde os anos iniciais, no que tange aos processos de autoconhecimento, identificação, nomeação e gerenciamento das emoções, mediação e resolução de conflitos, entre outros, serão possibilitados, dentro das dimensões cognitivas e socioemocionais, a ampliação de repertório e o desenvolvimento dos princípios da educação integral proposto pela BNCC (Base Nacional Comum Curricular).



O componente Projeto de Vida acolhe e apoia o estudante do 6º ano na mudança de etapa do ensino fundamental (em muitas realidades o que percebemos é que, para as crianças, mesmo continuando a atuar como na série anterior, em muitos casos elas têm dificuldades de conduzir sua vida escolar e de acompanhar a dinâmica) no que diz respeito à capacidade de se conhecer; à capacidade de gerir seus estudos; à capacidade de convívio (lidar com as emoções, autoconhecimento, autorreflexão etc.; a desenvolver competências socioemocionais intencionalmente: empatia (um dos cinco componentes da inteligência emocional), conforme Goleman (2007), respeito, autoconhecimento (a base da inteligência emocional), autoconfiança, tolerância, lidar com as frustrações e organização.

Conhecer-se como estudante, identificando por que, com quem e como estudar e aprender; conhecer-se, compreendendo as próprias emoções e como lidar com elas.

A criança e a inteligência emocional

O desenvolvimento desse tema nas turmas do sexto ano parece um pouco inesperado, pois estamos falando de crianças, ao menos é o que a maioria de nós, ao estabelecermos contato com o tema, poderemos pensar. Porém, o que vale ser destacado, a princípio, é o fato de que tal temática foi trabalhada com base no interesse direto das crianças.

Ao contrário do que muitos pensam, as crianças, hoje, estão diante de grandes desafios, iguais aos de grande parte dos seres humanos na contemporaneidade.

[...] o mundo sempre enfrentou riscos, mas as soluções para os mesmos eram encontradas dentro da bagagem de tradição que recebíamos através da cadeia de gerações. Os atuais efeitos colaterais da modernização são, entretanto, distintos daqueles que outras gerações enfrentaram. Não temos experiências anteriores que nos orientem sobre o que fazer diante deles [...] (Giddens, 1999, *apud* Leitão, 2003, p. 425).

Acompanhamos o que, em algumas áreas de conhecimento, costuma-se denominar de pós-modernidade. Na pós-modernidade, podemos identificar o que



nominamos de perda de sentido, dos ideais ou uma nova concepção para estes, como os valores², Deus, sentidos, ciências, sujeito, família etc.

Inúmeros são os desafios que envolvem a vida de uma criança que, cada vez mais cedo, é levada a ter contato com elementos culturais aos quais, antes, somente na vida adulta, era possível ter acesso; conteúdo de cultura de massa (conteúdo produzido pela industrial cultura cujo objetivo é satisfazer a necessidade do consumo com uma produção de baixa qualidade, além da não preocupação até onde chegará, pois que este modelo cultural produz); conteúdo que chega por meio do fácil acesso à cultura digital e sem ter tido a oportunidade de passar por um processo de educação digital.

O filósofo francês Levy, em seu livro “Cibercultura”, de 1997, já naquele período reconhecia que há dependentes na internet que passam horas em frente ao computador, participando de salas de bate-papo, de jogos on-line ou, até mesmo, surfando interminavelmente de página em página. O poder que as tecnologias digitais exercem sobre os adolescentes e criança afeta a cognição destes, pelo fato de as estimulações audiovisuais e emocionais estarem em sua atividade máxima. O grande volume de dados recebidos pelo cérebro, em forma de texto, imagens e vídeos, pode fazer com que a memória de trabalho fique saturada e haja sobrecarga cognitiva.

Hoje é preocupante o modo como crianças, pré-adolescentes, adolescentes estão vivenciando isso. Esses seres humanos em formação não foram preparados para o uso responsável da tecnologia e por isso acabam recebendo uma quantidade gigantesca de estímulos que, para a sua idade, dificultam eles lidarem com todas as emoções e sentimentos despertados. Mesmo que a idade cronológica seja comum a todos, a idade emocional tem a ver com a psicológica.

²Essa mudança se apresenta a partir dos efeitos do distanciamento ético, a ética na pós-modernidade também entra em crise, mas sem esquecermos que esse fato se dá na dimensão da interioridade do indivíduo e na estrutura social à qual pertence, reflexo do seu estado.



Algo que também se destaca, pois também faz parte da formação das crianças, é a própria participação dos pais. Algo que se tornou uma constante é o fato de muitas crianças e pré-adolescentes assumirem a responsabilidade sobre sua própria criação e emoções; os pais se preocupam em dar muito materialmente, mas emocionalmente acabam ficando ausentes.

O contexto de família, os pais ou aqueles que exercem esse papel estão ligados à afetividade como elemento principal e necessário. A aprendizagem emocional começa nos primeiros momentos da vida e continua ao longo de toda a infância; em “todos os pequenos intercâmbios entre pais e filhos contém um subtexto emocional e com a repetição dessas mensagens através dos anos”, mas existe o fato de que “muitos pais não conseguem entrar em sintonia com as necessidades emocionais dos filhos” (Goleman, 1995, p. 209), pois aqueles vivem de maneira desordenada, são imaturos. Segundo Goleman (1995), os pais emocionalmente capazes muito podem fazer para ajudar os filhos em relação à cada um dos elementos básicos da inteligência emocional: aprender a reconhecer, controlar a canalizar os sentimentos, empatizar e lidar com sentimentos que afloram em relacionamentos

Os filhos, muitas vezes, utilizam os exemplos familiares como espelho. A atmosfera familiar influencia, sobremaneira, a formação da identidade de cada ser. Segundo Lev Vygotsky *apud* Oliveira (1997, s/n), na ausência do outro, o homem não se constrói homem, pois, para ele, apenas as funções biológicas e psicológicas elementares não são suficientes para promoverem um ambiente de aprendizado completo, logo, ele necessita do meio.

Com isso, é mister fazermos a pergunta; como as crianças estão lidando com as emoções vivenciadas no dia a dia? Trabalhando as emoções, as situações de conflitos podem ser evitadas? Uma atitude imatura corresponde a um comportamento inadequado?



Por trás de tantos sentimentos, podem existir medo do fracasso, receio de julgamentos, temor de se apresentar em frente a um público, de mostrar o trabalho diante da turma. Reconhecer verdadeiramente seus sentimentos, a ponto de nomear corretamente as suas emoções, é o primeiro passo fundamental para se desenvolver a inteligência emocional.

Nesse sentido, percebemos que muitos atos, ações e comportamentos das crianças e pré-adolescentes, realizados nas escolas, estão relacionados ao fato de que ações como conhecer a si mesmo, identificar gostos, preferências, ser uma pessoa decidida, reconhecer os próprios sentimentos, aprender a lidar com os sentimentos, controlar os impulsos, ter motivação e ter empatia, que são ações para se chegar à inteligência emocional, não são praticados ou não são motivados para a adesão e prática dos estudantes.

Somado ao que mencionamos, a pedra fundamental da inteligência emocional chega a ser algo que nos remete ao século VI a.C., à recomendação presente no pórtico de entrada do templo do deus Apolo em Delfos, na Grécia: “conhece-te a ti mesmo”. Com Sócrates, em sua jornada de autoconhecimento, o conhecimento de si é a base para se conhecer o mundo. A autoconsciência (conhecer as próprias emoções), “reconhecer um sentimento quando ele ocorre”, é fundamental para o discernimento emocional. “A incapacidade de observar os nossos verdadeiros sentimentos nos deixa à mercê deles” (Goleman, 1995, p. 55), e atos como decidir, escolher e agir são extremamente difíceis. Isso é uma realidade para pessoas adultas e imaginemos isso acontecendo com a criança e pré-adolescente. Por isso, é tão importante para as crianças e adolescentes nomearem seus sentimentos e desenvolverem aptidão para vivenciá-los apropriadamente, o que será possível a partir da autoconsciência, sendo conscientes de seus atos ou seus comportamentos, do seu corpo, do seu mundo.

Nesse sentido, o autoconhecimento



é a capacidade que uma pessoa tem de obter informações sobre si mesma e usá-las para responder à pergunta “Quem sou eu?”, procurando conceber-se como um ser integral. Ele abrange todas as considerações que um indivíduo faz para definir o “eu” e para diferenciá-lo dos “outros”. Entre essas considerações, podem estar incluídas características físicas (como a altura), interesses (como a leitura), habilidades (como o cálculo), características sociais (como o padrão de vida), psicológicas (como a timidez) e crenças filosóficas (como os valores e as ideologias) (Danza; Silva, 2020, p. 15).

Em uma atividade realizada com as crianças do ensino fundamental II, de uma escola de Manaus, foi possível percebermos que 90% das crianças relatam a raiva e a tristeza como as emoções (os estudantes se referiram à raiva como um sentimento, pois eles não sabem diferenciá-lo de emoção) que eles não conseguem controlar. A raiva é uma emoção humana normal e habitual em muitos momentos da vida e da existência humana, mas, sem controle, ela se torna algo destrutivo, afetando vários âmbitos da vida: o trabalho, a educação, as relações e a vida no geral.

Os escritos das crianças revelavam suas ações no cotidiano da escola. O que eles apresentavam deixa claro que ações que muitas vezes eram vistas como um mau comportamento, na verdade, se trata da inexistência da aptidão para lidarem com suas emoções dentro do espaço (de interação, autoafirmação, encontro com o outro e manifestação de suas emoções) escolar.

Segundo Goleman, sete aptidões são necessárias para que a criança possa ir à escola:

Confiança (o senso de controle e domínio sobre o próprio corpo, comportamento e mundo), *intencionalidade* (está relacionado a ser sensação de ser competente, eficiente), *Curiosidade* (a sensação que descobrir coisas é positivo e dar prazer), *autocontrole* (a capacidade de moldar e controlar suas próprias ações), *relacionamento* (a capacidade de entrosar-se com os outros), *capacidade de comunicar-se* (o desejo e a capacidade de, verbalmente, trocar ideias, partilhar sentimentos e concepções), *Cooperatividade* (a capacidade de harmonizar as próprias necessidades com as dos outros) (Goleman, 1995, p. 208).



Essas aptidões que estão relacionadas à inteligência emocional e ao fato de a criança ser detentora dessas aptidões dependerão de sua realidade familiar, dos pais e da escola e se o processo de educação emocional é posto em prática.

A infância é o melhor período para se começar a instruir e exercitar a inteligência emocional, para que, na vida que se segue, as crianças possam aplicar tudo que foi desenvolvido no processo de alfabetização emocional. O bom emprego dos resultados e os benefícios serão sentidos na vida toda, isto é, como adultos seguros e felizes por terem recebido boa educação emocional. A educação emocional pode ser o caminho que conduzirá às crianças e adolescentes para um novo horizonte no que diz respeito à vida adulta.

Por inteligência entendemos todos os processos cognitivos, desde a recepção da informação à elaboração da resposta, passando pela codificação, memorização, aprendizagem, evocação e relacionamento da informação. Para Woyciekoski e Hutz (2009), uma das primeiras tentativas de se expandir o conceito de inteligência para além de capacidades intelectuais gerais (usualmente relacionadas a competências acadêmicas) foi conduzida por iniciativa de Thorndike (1936). Ele propôs a Inteligência Social (IS), como a aptidão de percebermos os estados emocionais próprios e alheios, motivos e comportamentos, além da capacidade de agirmos com base nessas informações, de forma ótima. Sobretudo, a IS refletiria a habilidade de decodificarmos informações oriundas do contexto social e de desenvolvermos estratégias comportamentais eficazes com vistas a objetivos sociais³.

A inteligência emocional envolve a capacidade de perceber acuradamente, de avaliar e de expressar emoções; a capacidade de perceber e/ou gerar sentimentos quando eles facilitam o pensamento; a capacidade de compreender a emoção e o conhecimento emocional; e a capacidade de controlar emoções para promover o crescimento emocional e intelectual (Mayer; Salovey *Apud* Woyciekoski; Hutz, 2009, p. 3).

³ WOYCIEKOSKI, Carla; HUTZ, Claudio Simon. Inteligência emocional: teoria, pesquisa, medida, aplicações e controvérsias. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 22, p. 1-11, 2009.



A teoria da inteligência emocional surgiu em 1990, desenvolvida pelos pesquisadores Peter Salovey e John Mayer. Mas foi em 1995, com Goleman, no livro “Inteligência emocional”, que se tornou conhecida. Goleman (2007, s/p) categoriza inteligência emocional em cinco habilidades:

Autoconhecimento: reconhecer as próprias emoções e sentimentos quando ocorrem e ter a capacidade de analisar seus pontos fortes e fracos.

Controle emocional: não se trata apenas de reconhecer as próprias emoções, é preciso saber como apropriadamente expressar, regular e gerenciar as emoções.

Automotivação: pessoas com elevada inteligência emocional têm motivações internas - e não somente externas.

Empatia: habilidade de se colocar no lugar do outro e tentar compreender como a outra pessoa está se sentindo. É apenas através do autoconhecimento que conseguimos ter empatia pelos outros. Primeiro, devemos saber identificar e compreender as emoções em nós mesmos, para então buscar entender a dos outros.

Relacionamentos interpessoais: a arte de se relacionar é, em grande parte, a aptidão para lidar com as emoções dos outros. Uma pessoa com inteligência emocional consegue ter interação de qualidade com outros indivíduos, de forma a "navegar" com sucesso nas diferentes situações sociais.

Na infância, por ser um tempo em que muito do que estão vivendo é novo, recente, saber o que sente e conseguir identificar o que sente é algo desafiador e complexo para crianças e jovens, e esse desafio e complexidade são também em razão do próprio momento, pois seu desenvolvimento cognitivo está avançando juntamente com todas as mudanças sofridas, individual e socialmente.

A criança, diante de uma explosão emocional, enfrenta os desafios de lidar com algo novo para ela que se apresenta de muitas maneiras, novo porque, em algumas situações, ela está iniciando suas vivências. Por isso, é importante para a criança, a partir da educação emocional saber nomear o que ela sente. Saber identificar o que está sentido é o primeiro caminho para trabalhar seus efeitos na vida e nas relações, seja na sala de aula, ou na família.

a emoção corresponderia a uma reação psicobiológica complexa, que envolveria inteligência e motivação, impulso para ação, além de aspectos sociais e da personalidade, [...] Lopes, Brackett, Nezlek, Schütz e Salovey



(2004) salientaram que competências emocionais são essenciais nas interações sociais porque emoções alimentam funções comunicativas e sociais, além de conterem informações sobre os pensamentos e intenções das pessoas (Woyciekoski; Hutz, 2009, p. 3).

O controle emocional surge com a necessidade de a criança expressar, colocar as emoções a seu serviço, pois, quando estão desreguladas, a explosão mencionada antes poderá provocar danos para as crianças e a família.

O tempo em sala de aula mostra esse fato, quando podemos observar os estudantes, o modo como cada um interage, apresentando aspectos dessa interação mesmo quando existem aqueles mais introspectivos. “Enviamos sinais emocionais sempre que interagimos, esses sinais afetam com quem estamos” (Goleman, 1995, p. 128), e, para muitas crianças, a interação “intergrupala” torna-se um desafio, pois elas têm dificuldade de se conectar a outra criança e aos grupos e ficarão margeando ou, quando dentro desses grupos, não conseguem realizar a leitura das emoções dos membros do grupo, tampouco das suas emoções, ou seja,

As emoções atuam com um sinalizador interno de que algo importante está ocorrendo, e são, também, um importante mecanismo de sinalização intragrupal [...] para comunicar situações e decisões relevantes aos demais indivíduos ao nosso redor (Cosenza; Guerra, 2011, p. 75).

Segundo Cosenza e Guerra (2011), a partir do olhar da neurociência, as emoções são fenômenos que assinalam a presença de algo importante ou significativo em determinado momento da vida de uma pessoa. Elas se manifestam por meio de alterações na sua fisiologia e seus processos mentais, mobilizando a “atenção” e a “percepção”, os recursos existentes.

Projeto de aprendizagem como facilitador do desenvolvimento da inteligência emocional na escola

“A atividade de fazer projetos é simbólica, intencional e natural do ser humano. Por meio dela, o homem busca a solução de problemas e desenvolve um processo de construção de conhecimento” (Fagundes *et al.*, 2000, p. 15).



Segundo Fagundes *et al.* (2000), a formulação de questões, pelo autor do projeto, pelo sujeito, construirá conhecimento. Partimos do princípio de que o aluno nunca é uma tábula rasa, isto é, ele já pensava antes.

Compreendemos que a aprendizagem baseada em projetos está localizada no estudante, pois ocorre a partir das situações de sua realidade e para seu aprendizado, tornando-se situações-problema.

O projeto de aprendizagem iniciou-se a partir da escolha de um tema transversal no intuito de promovermos a educação e os valores (as trocas afetivas que o sujeito troca com o meio exterior). É a transversalidade do projeto que nos permite trabalhar a inteligência emocional e o autoconhecimento.

Temas transversais são um conjunto de conteúdos educativos e eixos condutores da atividade escolar que, não estando ligados a nenhuma matéria particular, pode se considerar que são comuns a todas de forma que, mais do que criar novas disciplinas, acha-se conveniente que seu tratamento seja transversal num currículo global da escola (Yus, 1998, p. 17).

Por isso, dentro da dinâmica do projeto, é possível envolvermos outros componentes, outras áreas de conhecimento. Com isso, apresentamos o exemplo de um projeto que envolve a dimensão da inteligência emocional, autoconsciência, autorreflexão.

O projeto de aprendizagem se justifica pela real necessidade de desenvolvermos e criarmos uma cultura em que as emoções e inteligência estejam integradas ao processo formativo dos estudantes para que, no futuro, tenhamos adultos maduros emocionalmente, ou seja, capazes de dar uma resposta madura por meio das atitudes, do controle dos impulsos, conhecendo seus próprios sentimentos e praticando a empatia. A proposta é ampliar, cotidianamente, o repertório de atitudes assertivas relacionadas à inteligência emocional, autoconsciência, autorreflexão.

São estes os objetivos que apresentamos no projeto: *conceitual*: explorar o conceito de inteligência emocional; *procedimental*: identificar as diferentes atitudes



que demonstram inteligência emocional e destacar as afirmações que denotam postura de maturidade emocional; *atitudinal*: reconhecer as próprias emoções, lidar com as emoções, amadurecer emocionalmente, ter sensibilidade para perceber as emoções das pessoas, relacionamento interpessoal, desenvolver a empatia, estimular a autonomia, sua organização e dependência na realização de atividades em grupo.

O desenvolvimento do projeto se deu da seguinte maneira: construção de um plano de ação, no período de 02 de abril a 19 de maio de 2023; como tema gerador tivemos o autoconhecimento e a inteligência emocional; e foi realizado de forma interdisciplinar. Como conteúdos tivemos: todos nós temos valor; desfazendo um grande nó; gestão de emoções, controlando impulsos (raiva, desprezo e fortalecimento de empatias); aprender a entender o outro; construção da teia de conhecimentos. Envolvermos todas as áreas do conhecimento: ciências humanas – dimensão humana; ensino religioso – valores humanos e respeito; língua portuguesa – leitura e interpretação dos textos referentes ao tema e construção coletiva de poesias; artes – desenhos coletivos; música – músicas instrumentais – *Dreaming of you* e “Como me vejo”.

Para o desenvolvimento das atividades propostas, utilizamos os seguintes recursos materiais: rolo de barbante, papel A4, cartolinas, lápis, canetas, projetor, notebook.

As crianças, fazendo uso de alguns desses recursos, foram capazes de colocar no papel suas emoções, sentimentos e puderam falar sobre elas, expressar-se por meio da escrita e dos desenhos.

Resultado do projeto

A atividade que contemplou o projeto de aprendizagem ocorreu dentro do espaço de uma escola particular. Em razão da orientação e coordenação geral pedagógica da instituição e do conjunto de medidas tomadas em prol da segurança das crianças em meios aos últimos eventos violentos que envolveram as várias



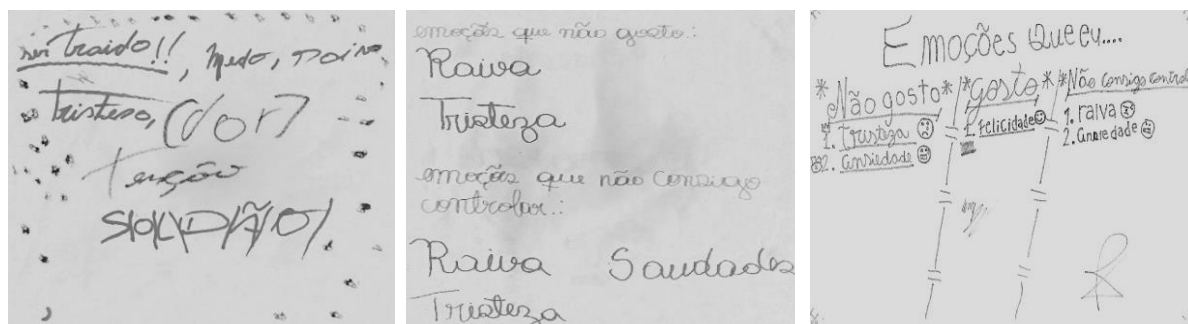
escolas públicas e particulares, tivemos receio de realizar as atividades do projeto em áreas externas da instituição.

Mesmo tendo realizado o que foi planejado antecipadamente, o projeto foi conduzido dentro da sala de aula e em áreas como refeitório e pátios, e foi possível vermos como os estudantes da turma do sexto ano se envolveram e participaram ativamente das atividades propostas.

O modo como eles destacaram como se sentiram em relação algumas emoções, os relatos de que não conseguem lidar com algumas emoções revelam que trabalhar a dimensão emocional na escola é de grande importância.

Vejamos alguns. Foram atribuídos nomes fictícios em respeito os autores.

Figura 1: Escritos dos alunos: Ricardo, André, Felipe



Fonte: Ribeiro (2023)

Podemos ver, através das imagens da figura 1, os estudantes expressando seus sentimentos. Foi possível vermos e observarmos essas formas de expressão em razão das aulas realizadas antes do início do projeto, que preparam as crianças para chegarem até essa forma de expressão. Nosso intuito não é realizar um estudo a partir do grafismo⁴, área do desenvolvimento infantil da psicologia, mas para percebemos

⁴Psi. Mediante desenhos elaborados por ela, podem ser observados seus movimentos corporais, coordenação do seu desenvolvimento visual e percepção do meio ambiente.



que as emoções sentimentos existem no interior das crianças, mas é difícil para estas se expressarem e ainda mais difícil compreenderem seu universo interior.

As crianças são muitas vezes comparadas, mesmo que veladamente, a pessoas adultas, mas muitas delas estão vivendo os conflitos interiores que pensamos que somente os adolescentes, jovens e adultos vivem.

O olhar para com a criança deve ser particularizado, destacando que o universo dela é muito mais complexo do que parece. É necessário desenvolvermos a prática da escuta das crianças, dando importância às emoções manifestadas por elas.

Algo valioso é a *escuta ativa*, criada em 1957 pelos psicólogos norte-americanos Carl Rogers e Richard E. Farson. O método parte da ideia de que as crianças estão aprendendo a conviver no mundo dos adultos. Recordando nossa infância, podemos compreender melhor o que passa com a criança.

O problema é que, uma vez adultos, nos esquecemos de que um dia fomos crianças. Deixamos de empatizar com a fase da infância e tendemos a exigir, dos pequenos, atitudes de adultos. Para praticarmos a escuta ativa, não basta escutarmos o que a criança diz, também devemos atender a ela corporalmente, compreendendo suas preocupações, em um clima de calma. Praticar a escuta ativa significa agacharmos e nos colocar na mesma altura da criança, para podermos estabelecer uma comunicação efetiva com ela.

Conclusão

Toda criança vive envolvida pelo universo que ela está descobrindo, o exterior e seu universo interior; para ela, são muitas informações e é desafiador, justamente por isso que é o melhor momento para começarmos ensinar e exercitar a inteligência emocional.

Toda criança necessita ser escutada, é principalmente a escola que deve se constituir como um ambiente de acolhimento e, para isso, é necessária a cultura da



escuta sensível das crianças; na maioria das vezes nos surpreendemos com suas narrativas construídas a partir de seu contexto social.

No espaço escolar, mesmo que exista toda uma preocupação com a construção do conhecimento de alunos, nós nos deparamos com um número grande de crianças que sofrem com ausências dos seus responsáveis.

Vivemos um tempo de comunicação veloz, oportunizada pelas mídias sociais, mas, nas relações entre familiares a comunicação deixa muito a desejar, muitos filhos são filhos de pais que não se comunicam oralmente e esse talvez seja o grande desafio. Esse primeiro acesso às emoções e sentimentos, do qual os pais são os principais causadores, a falta de diálogo entre pais e filhos deixa estes retraídos e inseguros quanto às suas emoções, daí a necessidade de investirmos cada vez mais em projetos de aprendizagem que tratam e valorizam o autoconhecimento, valores e emoções.

Referências

DANZA, Hanna Cebel; SILVA, Marco Antônio Morgado. **Projeto de vida: Construindo o futuro**. 1. ed. São Paulo: Ática, 2020.

FAGUNDES, Léa da Cruz; MAÇADA, Débora; SATO, Luciane. **Aprendizes do futuro: as inovações começaram**. Brasília: Mec., 2000.

GARDNER, Howard. **Inteligências múltiplas: a teoria na pratica**. Porto Alegre: Artmed, 1995.

GOLEMAN, D. **Inteligência Emocional: a teoria revolucionária que define o que é ser inteligente**. Tradução Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

GOLEMAN, D. **Inteligência Emocional: a teoria revolucionária que define o que é ser inteligente**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

LEITÃO, Carla Faria; COSTA, Ana Maria Nicolaci. A psicologia no novo contexto mundial. **Estudos de psicologia**, Natal, v. 8, n. 3, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/G9DPz5WZHJWJst6KNk895Xg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 03 set. 2023.



LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2010.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.

OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky. Aprendizado e o desenvolvimento**: um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 1997.

WOYCIEKOSKI, Carla; HUTZ, Claudio Simon. Inteligência emocional: teoria, pesquisa, medida, aplicações e controvérsias. **Psicologia**: reflexão e crítica, v. 22, p. 1-11, 2009.

YUS, Rafael. **Temas transversais**: em busca de uma nova escola. Trad. Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.